

O drama do cacique Juruna

BRASÍLIA – Ontem foi o Dia dos Índios, mas o cacique xavante Mário Juruna não teve muito o que comemorar. “A minha vida está morta”, definiu, sentado na cadeira de rodas à qual vive preso há três anos. Primeiro indígena a ser eleito deputado federal, pelo PDT do Rio em 1982, Juruna vive hoje de um salário de R\$ 3 mil pago pelo gabinete da liderança do partido na Câmara

dos Deputados. Ele aproveitou o encontro do diretório do PDT para pedir ao presidente nacional do partido, Leonel Brizola, que o ajude a conseguir uma aposentadoria. “Se eu morrer como é que ficam meus filhos?”.

Aos 49 anos, Juruna vive numa casa de três quartos no Guará, uma das cidades da periferia de Brasília. Diz ter vontade de voltar para a al-

deia namucura na reserva indígena São Marcos, no Mato Grosso, onde moram alguns de seus descendentes. “Se eu voltar a ficar de pé, gostaria de voltar. Se ficar desse jeito para sempre, prefiro morrer aqui”, afirma. É Honorina Rewaptawe, a mais velha de seus 11 filhos, quem cuida dele. Na casa, também vivem filhos, netos e parentes do ex-deputado.

Há três anos Juruna começou a sentir nas pernas as dores de um reumatismo agudo. Peregrinou por boa parte dos hospitais de Brasília. As internações foram feitas pelo SUS e algumas contas foram pagas pela Funai. A doença corroeu parte das articulações dos dois fêmures do cacique. O ex-deputado só voltou para a casa em maio do ano passado. (A.L.s.)

INSTITUTO	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	J.B.
Data	20/11/09 Pg 2
Class.	
Documentação	